FAZER FAZ CORPO

ARTISTAS
Ana Freitas
Diogo Nógue
Eduardo Baltazar

CURADORIA
André Aureliano Fernandes
Renato Almeida

GALERIA QUARTA PAREDE + COLETIVO BORDE

FAZER
FAZ
CORPO

Borde
Projeto Bússola

Organização e edição
_ André Aureliano Fernandes e Renato Almeida

Textos e diagramação
_ André Aureliano Fernandes e Renato Almeida

@andreaureliano
@renato_almeida

Crédito fotográfico das obras de Eduardo Baltazar: cortesia do artista. As demais fotografias são de autoria de Renato Almeida.

Fevereiro de 2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Fazer faz corpo [livro eletrônico] / curadoria
André Aureliano Fernandes , Renato Almeida ;
artistas Ana Freitas, Digo Nógue, Eduardo
Baltazar. -- 1. ed. -- São Paulo :
Ed. dos Autores, 2024.
PDF

Vários colaboradores.
ISBN 978-65-00-97000-5

1. Artes visuais - Exposições - Catálogos
2. Pintura I. Fernandes, André Aureliano.
II. Almeida, Renato. III. artistas Ana Freitas,
Digo Nógue, Eduardo Baltazar.

24-198000 CDD-700

Índices para catálogo sistemático:

1. Artes visuais 700

Aline Graziele Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

SUMÁRIO

07. Fazer Faz Corpo

09. Projeto Bússola

11. Pedagogia da Marreta

13. Exposição: Fazer Faz Corpo

15. ANA FREITAS:
Procura do invisível no visível

23. DIOGO NÓGUE:
Corpo que é

35. EDUARDO BALTAZAR:
Consequências de uma escolha artística

52. Bios

54. Lista de obras

Fazer Faz Corpo

Esta exposição reúne três artistas – Ana Freitas, Diogo Nógue e Eduardo Baltazar – selecionados pelo edital Projeto Bússola, um programa de acompanhamento artístico e exposição, concebido e executado pelo pesquisador André Aureliano Fernandes e pelo artista Renato Almeida, em parceria com a Galeria Quarta Parede, com a finalidade de criar condições para o amadurecimento de processo poéticos.

O título da exposição Fazer Faz Corpo refere-se a dois termos caros: ao fazer manual e ao corpo da pintura. A intenção com o título é destacar diferentes estratégias de abordagem de uma linguagem de longa tradição cujos resultados podem ser observados a seguir.

Ana Freitas apresenta uma pintura sedutora pelo uso das cores que desde o primeiro momento pergunta pelo desenho. Pintura e desenho tensionados entre si se relacionam com o conhecimento científico, que é abstrato, trazendo-o de volta ao concreto, pela forma. Utilizando elementos pictóricos – face e verso, opacidade e transparência, fundo e figura – a artista sugere os termos desse sensível, que sai do caderno e se desloca pela tela, alcançando o espectador como um jogo desejante de expressão.

Diogo Nógue cria imagens que tematizam a representação do corpo, assim como práticas e tradições negras. Do corpo no espaço pictórico à mancha no pano de prato, o artista encontra meios de recuperar e inscrever elementos de matriz afro-brasileira em sínteses que associam medicina e religião, sensibilidade e ideia. Tais sínteses dão contorno ao corpo do próprio artista.

Eduardo Baltazar investiga a iluminação baixa para ralentar o tempo, criar um retardamento, por meio de massas de tinta que se acumulam nas bordas e insinuam a figura no centro, cujos valores de cores, com pequenas variações, insituem negativamente o contracampo do próprio olhar do pintor. A escolha das distâncias contribui para uma espécie de estado meditativo, esquivo ou ausente. Mas se afasta da melancolia na medida que seu olhar curioso se aproxima do pensamento.

Sejam todos bem-vindos.

Projeto Bússola

Projeto Bússola é um programa de acompanhamento artístico e exposição, concebido e realizado pelo pesquisador André Aureliano Fernandes e pelo artista Renato Almeida, com a finalidade de criar condições de reconhecer ferramentas e estratégias, aprimorar processos de trabalho e proporcionar sínteses poéticas a partir da observação de trabalhos específicos. Com duração de seis encontros, ele tem sido aplicado nos últimos três anos, no âmbito das atividades do Coletivo Borde, sendo esta sua primeira iniciativa aberta a todos os artistas. Seu principal objetivo é deslocar, por meio de uma metodologia própria (ver Pedagogia da Marreta, adiante), o artista de seu lugar enquanto faz, considerando que um pequeno deslocamento enquanto algo acontece possibilita o aparecimento de outras percepções do lugar e do fazer artísticos. Em termos práticos, trata-se de criar uma oportunidade de olhar para o que agrada e desagrada e o que é mais ou menos útil em um trabalho específico em relação às questões são próprias e à linguagem que é utilizada. Tem-se aí que, com isso, é possível compreender o lugar que se ocupa e o que se pretende ocupar, alinhando expectativas e objetivos, traçando um plano prático por meio de atividades, conversas e exercícios. Nesse sentido, não se trata de responder a uma questão universal tampouco de ter as respostas certas, mas de encontrar uma maneira produtiva de trabalho para si, e encontrar um trajeto que se pretende percorrer, tendo em vista o amplo cenário da arte contemporânea.

O que suscitou a proposta foi uma evidência recorrente, colhida em conversas com artistas, professores, pesquisadores, curadores, colecionadores e galeristas. Da parte dos artistas, a evidência configura-se como uma queixa e consiste na ênfase aos elogios e na carência de debate franco, composto também de críticas, uma vez que o elogio por si só pode produzir a diminuição da confiança nas relacões de trabalho e pessoais, além disso, a diminuta oferta de espaços para expor os trabalhos que aparece acompanhada de um concorrência estruturada em critérios pouco claros cuja consequência é um resultado nem sempre percebido como justo; da parte dos curadores, vendedores, colecionadores, diretores artísticos, a principal queixa é a presença de artistas com poéticas pouco amadurecidas e obras incipientes, pouco ou mal elaboradas. Há que se reconhecer que as duas queixas se limitam num ponto: ausência de espaço e tempo de amadurecimento, sem a tutoria do Estado – ou num modo não escolar, informal – e no entanto ainda pertencendo ao processo de formação, independemente da fase em que o artista se encontra. A causa desse descompasso deve-se a um problema estrutural e histórico: a ênfase dada na formação, principalmente na universidade, mas também por parte da crítica e do mercado, à

intenção do artista desvinculado das competências, isto é, do fazer prático, concreto, factual, que desdobra-se na inflação de questões teóricas fora do âmbito prático e, às vezes, em detrimento da prática, o que apela ao discurso que circunda a obra e não necessariamente da obra; e também pela expectativa dos agentes do mercado que o artista consiga fazer como que naturalmente a passagem da universidade para o mundo do trabalho, como se arte não pudesse ser considerado trabalho, e o aluno se tornasse artista pela passagem do tempo e não pelo esforço concentrado, ajustado e reelaborado de dar sentido à própria produção, excessivamente preocupado em se fazer o mais rápido na embalagem das tendências majoritárias. Disso resulta, uma transição negligente em que a maioria dos formados não conseguem realizar plenamente seus trabalhos, algo que pode ser constatado pelo número de formandos em relação ao número de artistas em atividade dentro do sistema das artes. Não à toa, hoje, diversos artistas vindo de outros campos têm chamado a atenção de galeristas e críticos por estratégias que estão mais ligados a articular fazeres que possuem sentido forte a modos de vida produzindo significados outros para as artes. Outro fator é a dificuldade de inserção no mercado que acaba por simplesmente reproduzir estruturas de favorecimentos nem sempre de acordo com o que é apresentado. É preciso, contudo, fazer a ressalva de que mais recentemente há uma tendência de atender uma demanda mais significativa de poéticas, que pode ser notado tanto de grupos sub-representados. Mesmo assim há um resíduo evidente desse mal-estar de parte a parte quanto ao ganho real dos artistas em relação às instituições e ao mercado, e exemplos a esse respeito não faltam e continuam ocorrendo.

Em vista do apresentado, o Projeto Bússola oferece nesta edição uma novidade aos três participantes – Ana Freitas, Diogo Nógue e Eduardo Baltazar – a possibilidade de mostrar seus trabalhos em uma exposição, graças à parceria estabelecida entre o Coletivo Borde e a Galeria Quarta Parede, que é administada pelo artista e professor cubano Alexis Iglesias. A exposição Fazer Faz Corpo tem abertura no dia 7 de fevereiro e encerramento no dia 7 março de 2024. Com isso, pretendemos fazer circular uma certa visão de formação artistística preocupada com o fazer, associado à possibilidade aplicada de certos conhecimentos práticos, sobretudo aquilo com o que houve contato, conversas, exercícios, análises, críticas – em suma, experiência – e que chegou ao seu avesso, não necessariamente seu contrário, mas que virou-se muitas vezes até que fosse possível algum afastamento para ver de novo o que antes parecia não estar lá. Nessa diferença de construção lenta, confusa e instigante é que o diálogo se constrói e pode ser mostrado.

Pedagogia da Marreta

Pedagogia da Marreta é ainda uma noção em desenvolvimento, por André Aureliano Fernandes e Renato Almeida, para pensar o trabalho, a formação do artista e a recepção da arte. A escolha da marreta está relacionada à ênfase dada ao trabalho com mãos e por considerar que somente pela ação sobre a matéria se tem arte, uma forma especializada de trabalho, de cujo equilíbrio entre fruição e utilidade configura autonomia. Da marreta, extrai-se não seu uso concreto, mas capacidade simbólica de desorganização quando ocorre o choque contra parede. Ao alternar a perspectiva, pode-se olhar para o que está em curso, sabendo os elementos que estão presentes: matéria e energia. Mais, história de cada e de todos. Assim, tem-se que, ao se chocar contra superfície, o impacto desprende energia e coloca em movimento uma quantidade de matéria: mito, narrativas, ficções. A energia dispersa cria uma diferença que possibilita quem bate e aqueles que por ventura estão à volta reconhecer outra posição devido a um único ato. Considera-se o outro olhar que se constitui também resultado da diferença – que deve ser compreendida da maneira mais concreta e determinada possível – uma ampliação em relação ao que é conhecido. Por meio dessa imagem, pretende-se avaliar experiência e questionamentos oriundo dessa atividade. E é desse modo que se procura capturar a atenção daquele que produz arte, quanto à responsabilidade que segurar uma ferramente envolve, entre elas, a necessidade de propor um diálogo produtivo com práticas e tradições nas dimensões teóricas e práticas e, a partir disso, se for o caso, ampliá-lo pouco a pouco, porque essa construção é morosa uma vez que implica acesso ao aprendizado especializado que o levam a um trajeto artístico. Note-se que o uso da palavra “trajeto” com sentido de algo que se faz cotidianamente e não de maneira esporádica, é assim colocada para qualificar o trabalho como um valor, que permite reconhecer a própria atividade, enfrentando de outros modo questões como: “o que faço”, “qual o sentido do que faço” e “para onde estou indo”? Para isso, são realizadas conversas, atividades, exercícios específicos até atingir desenvolvimento criativo, expressivo e subjetivo. Sendo assim, considera-se que tal noção em curso fornece um primeiro gesto que carrega consigo a motivação de uma atividade de corolário exigente que é a arte. O resultado, ainda que difuso, é a valorização da subjetividade, com intuito de ampliar a realidade e tornar o artista propagador de seu trabalho, à medida que percebe como escolhe materiais e articula-os, ligados da maneira mais própria e livre no processo artístico.

Exposição: Fazer Faz Corpo

Um pouco diferente de exposições de galerias voltadas a mostrar o produto, Fazer Faz Corpo surge de uma proposta que exercita o olhar para o processo de trabalho de cada artista, a fim de compreender como cada parte e o todo se configuram. Nesse sentido, a exposição é um ponto de chegada de nosso trabalho em grupo e o início do esforço individual daquilo que se passou e ainda permance em cada um. E, como todo ponto de chegada é um momento de contentamento e celebração daquilo que é diverso, diferente e distinto. Assim, ainda que haja em comum o desenho e a pintura entre os três artistas selecionados, Ana Freitas, Diogo Nógue e Eduardo Baltazar, isso reforça um certo entendimento comum de que a pintura é uma linguagem múltipla, durativa e lenta, pois seu aprendizado, sua circulação, seu pensamento é moroso, as maneiras de apropriação são bastante distintas, obtendo de cada processo formativo um resultado na mão do artista, com uma intensidade pessoal que vai além do tema, que sempre pode mudar, e não deve ser empacotada em um discurso na tentação de aparentá-las, porque a diferença entre eles há de mostrar pelo menos possibilidades.

Um elemento desse processo deve ser destacado aqui. O exercício da atividade artística em grupo não seria possível sem que houvesse desprendimento daquilo que é conhecido e particular a cada artista, não seria possível sem uma abertura que cada um oferece a si e ao outro. Essa abertura implica se lançar na proposta do outro que se desconhece e se aplicar no fazer e, ao se perceber deslocando-se de seu lugar usual, notar algo que não estava claro antes, o que quer dizer: exige confiança. Esse trajeto incerto movido por dúvidas que aparecem do contato com o trabalho levam a lugares diferentes do conhecido e por vezes impedem o retorno ao ponto anterior da mesma forma, mas também se produz um outro mapa e esse outro mapa deve ser investigado com o mesmo cuidado e atenção daquele que levou ao ponto anterior. Nesse sentido, a segurança deve vir não da verdade do hábito, mas de saber que é pelo uso do corpo, das mãos, dos pés, dos olhos, que surge o movimento, que possibilita construir outras ideias. Essas dimensões espaciais e temporais do exercício do trabalho artístico que se procurou retomar da maneira mais objetiva e direta em cada conversa, em cada exercício, em cada análise, até se chegar ao grão daquilo que a mão pode continuar usando. O grão, considerado resíduo da prática, é a matéria deste acompanhamento que vai na obra e para ambos – atividade e produto – se deve olhar com a mesma atenção, porque ambas respondem e se sobrepõem quando alinhadas.

ANA FREITAS

Procura do invisível no visível

O caderno é o primeiro suporte de Ana Freitas. No caderno, a artista anota, faz desenhos e produz pinturas – por vezes de maneira simultânea, isto é, na mesma página, por vezes em separado, utilizando uma página para a pintura e outra para anotação e desenho. No primeiro momento, a ocupação do espaço do papel ainda é resíduo da atividade de olhar, memento, lugar onde se anotam ideias afins. Contudo, o uso contínuo desse suporte que começa na adolescência adquire consistência paulatinamente, primeiro quando ocorre o reconhecimento da importância do suporte, e, depois, pela qualificação na medida em que busca especializar seu uso por materiais como papéis transparentes, pela costura das páginas, pela seleção de tintas adequadas não só à adição mas também à subtração, a fim de obter experiências sensíveis.

Esse breve sumário produz certa dimensão do que é apresentado nos dois cadernos a que a artista chamou Sonhos (2023) e Retina (2023). Ambos os cadernos são compostos em papel vegetal, 32 cm x 21 cm, contêm 32 páginas. As páginas desses cadernos, distintos entre si, apresentam fundos coloridos, com tendência para o azul e o vermelho. Traços firmes e bem definidos, grossos como um bastão, criam transparências que deixavam ver o fundo da página anterior, formando variações de figuras geométricas, em Sonhos, e contornos suaves em Retina. A interação das cores e formas causam espécie de vibração tátil mais que visual.

Em Retina, a interação dos tempos das figuras em relação às cores podem remeter aos demais sentidos – tato, paladar, audição e olfato. Porém, retornam à visão assim que os braços se movimentam para passar as páginas do caderno e respiração fica mais intensa pelo contato com cores e figuras, indicando uma passagem de tempo. A visão é mais do que só alusão ao tempo, é a evidência da sensibilidade da artista que se coloca na obra. E, ao constatar a sua sensibilidade, a artista a generaliza. Diferente, porém, é a sensibilidade da artista e de cada um. E é justamente nessa diferença que a artista procura qualificar seu próprio trabalho.

Distante da ideia de um formalismo vulgar, apesar de dialogar com questões formais, esses trabalhos convidam quem os vê a jogar. O que é fundo e o que é figura? Fundo e figura fundem-se ou separam-se? Será a transparência saída da opacidade das cores que vibram? (Pois vibram!) E, principalmente, o que se altera nas impressões de luz e cores? Assim, segue sem escamote-

ar o formalismo, tornando-o atraente e divertido, uma brincadeira – nas palavras da artista – cujo ponto de chegada recorre à sensação que passa pela forma.

Ana Freitas relata que inicia o trabalho pelo desenho e que mantém uma relação importante com a geometria, espécie de referente concreto do mundo abstrato. E, para não se perder em abstrações e estar atenta à maneira como investiga as sensações, destaca o papel que tem para ela o fazer com as mãos, pois “a mão permite que o corpo trabalhe mais rápido que o pensamento”. Para ela, o trabalhar com as mãos é a efetivação de um conjunto de intenções. Nesse sentido, é possível pensar que a tela é um outro suporte semelhante, porém distinto pelo qual ela pode explorar tanto a possibilidade de circulação, uma característica da pintura – a portabilidade – quanto criar impressões, pelo movimento de deslocamento entorno da pintura suspensa, jogando com a simultaneidade.

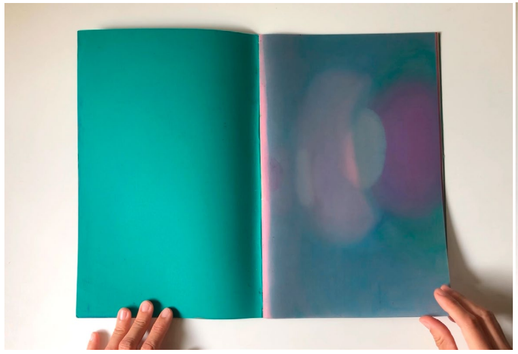
A pintura adquire assim um apelo sedutor pelo uso das cores que desde o primeiro momento pergunta pelo desenho. E ao estabelecer um tensionamento com desenho inverte o fundamento que, nas ciências, se faz pela ideia e não pela forma. Procura estabelecer a forma sensível como princípio que ordena o que se cria um conhecimento sensível, que é também conhecimento, mas de outro tipo. Pois, se para ciência o que está em jogo é a verdade, para as artes o que está posto em questão é a sensibilidade. O trajeto da razão à sensibilidade é sinuoso, permeado de elementos pictóricos, formais e simbólicos. E o trajeto de tal inversão, que sai do caderno e conduz à tela, alcança no jogo desejante uma possibilidade de expressão própria.



Título: retina
Artista: Ana Freitas
Ano: 2023
Descrição: livro-obra
Material: tinta s/ papel vegetal
Dimensões livro: 32 x 21cm / 32 páginas
Dimensões moldura-estojo de acrílico: 4 x 43,5 x 33,5cm



Título: sonho
Artista: Ana Freitas
Ano: 2023
Descrição: livro-obra
Material: tinta s/ papel vegetal
Dimensões livro: 32 x 21cm / 32 páginas
Dimensões moldura-estojo de acrílico: 4 x 43,5 x 33,5cm





Título: “retina” “sonho”
Artista: Ana Freitas
Ano: 2023
Descrição: vídeo contendo filmagem da artista folheando os livros “retina” e “sonho”
Filmagem: Ana Sartori
Duração: 3m52s / loop



Título: fábrica “na hora H / há um H (ah!) / no meio do sono” (Luiz Raul Machado)
Artista: Ana Freitas
Ano: 2024
Descrição: pintura com moldura de madeira
Material: tinta s/ polímero
Dimensões com moldura: aprox. 78cm x 100cm (horizontal)



Título: despertar dormindo / sonhar acordado
Artista: Ana Freitas
Ano: 2024
Descrição: pintura com moldura de madeira
Material: tinta s/ polímero
Dimensões com moldura: aprox. 100cm x 78cm (vertical)



Título: elo
Artista: Ana Freitas / Ano: 2024
Descrição: pintura com moldura de madeira sem vidro e sem fundo
Material: tinta s/ polímero
Dimensões com moldura: aprox. 104cm x 78cm (vertical)

DIOGO NÓGUE

Corpo que é

Dizer que corpo, práticas e tradições negras são temas da obra de Diogo Nógue seria pouco. É um pouco mais preciso dizer que corpo, práticas e tradições negras situam de um certo modo a experiência do artista no mundo. Esse deslocamento dos termos da arte à experiência cotidiana fornece um certo entendimento dos trabalhos de Diogo Nógue e os colocam em perspectiva política, que é o modo como encontrou para se inscrever nos sistemas das artes contemporâneas, incluindo a palavra literária e a palavra que educa como docente da rede pública do Estado de São Paulo.

Mobilizada de maneira material, simbólica e religiosa em diferentes obras, a representação do corpo negro dialoga criticamente com noções brancas tidas como dadas, apontando elementos da grave violência estrutural, como o encaixotamente do humano em um categoria abstrata, que rouba sua humanidade. A afirmação do corpo negro e do corpo negro como agente político está presente no corpo da pintura. Ela surge aparece em Corpo Encanto (2022) por meio da recuperação simbólica de elementos fragmentados e torna-se central no Tríptico – Corpo em Desencanto (2023-2024), em que uma massa de tinta opera como uma massa corpórea em espaço cúbico ideal. Ali, a categoria é explicitada como caricatura pictórica de uma existência segundo outra perspectiva que não aquela dela mesma.

Nesse sentido, a presença do corpo constitui-se no exercício político de cujos traços e tensões se fazem convidando a todos a olhar a realidade de outro modo. Ao inscrever o corpo negro no debate público, Diogo parece considerar a arte mais do que um conjunto de saberes técnicos estáveis, um instrumento político a que pergunta: para quê tais saberes são úteis? para quem eles falam? falam o quê? propondo um tensionamento político entre o útil e o agradável.

Na série Herbário do Cuidar, Vingar e Refazer (2023-2024), a representação do corpo assume o suporte – o pano de prato – como meio e (pelo menos parte da) mensagem, dando contornos nuançados para as tradições cotidianas. Ervas como erva-cidreira, guiné, anis relacionam não só os cuidados doméstico com o corpo, como também fazem ligação da arte com a medicina e a religiões de matriz afro-brasileiras. As manchas do suporte são índices de história, assim como o bordado alude ao cuidado e às tradições manuais que devem gozar do mesmo estatuto que a pintura. Assim, o artista produz uma genealogia de gestos, práticas, história, dando reconhecimento e contextualizando às suas

próprias tradições, como em uma festa que não se extrai simplesmente um elemento como produto, mas se faz compreender no todo. Essa contextualização pode levar à cozinha onde as pessoas conversam e aos quintais onde as plantas vivem, de modo que não é o traço técnico ou a pequena sacada que interessa, mas um conjunto de sínteses de problemas brasileiros complexos que apontam o grupo e somente pelo grupo onde cada um é parte e toma parte é que podem indicar alguma cura.

Em suma, no trabalho de Diogo Nógue, corpo é afirmação de vida, de sobrevivência, não apenas pela cicatriz, mas pelo reconhecimento de práticas tradicionais e de grupo. E, ao dar dignidade à vida cotidiana, produz um movimento que procura por seus meios superar a naturalização da violência e encontrar na arte condições de pensar natureza como linguagem, trazendo consigo percursos históricos que são coletivos e sem o quais não há sentido possível de história.



Título: Corpo Encanto - Série Quem matou Basquiat?
Artista: Diogo Nógue
Ano: 2022
Material: Acrílica, nanquim, marcadores, grafite, lápis de cor e colagem sobre algodão
Dimensões: Largura com bastidor 200 cm



Título: Díptico - Desconversando o Eu
Artista: Diogo Nógue
Ano: 2020
Material: óleo sobre algodão preparado
Dimensões: 150 x 200 cm



Título: A praia - Série Quem Matou Basquiat?
Artista: Diogo Nógue
Ano: 2023
Material: crílica, marcadores, grafite, tule e fio de rami sobre tela
Dimensões: 90 x 60 cm



Título: Erva-cidreira – Série Herbário do cuidar, vingar e refazer
Artista: Diogo Nógue
Ano: 2024
Material: Marcadores sobre pano de prato – crochês de Regina Lúcia e Ana Nísia
Dimensões: 70x43 cm



Título: Alho – Série Herbário do cuidar, vingar e refazer
Artista: Diogo Nógue
Ano: 2024
Material: Marcadores sobre pano de prato – crochês de Regina Lúcia e Ana Nísia
Dimensões: 70x37 cm



Título: Alfazema – Série Herbário do cuidar, vingar e refazer
Artista: Diogo Nógue
Ano: 2024
Material: Marcadores sobre pano de prato – crochês de Regina Lúcia e Ana Nísia
Dimensões: 70x37 cm



Título: Camomila – Série Herbário do cuidar, vingar e refazer
Artista: Diogo Nógue
Ano: 2024
Material: Marcadores sobre pano de prato – crochês de Regina Lúcia e Ana Nísia
Dimensões: 74x41 cm



Título: Guiné – Série Herbário do cuidar, vingar e refazer
Artista: Diogo Nógue
Ano: 2024
Material: Marcadores sobre pano de prato – crochês de Regina Lúcia e Ana Nísia
Dimensões: 74x41 cm



Título: Manjericão – Série Herbário do cuidar, vingar e refazer
Artista: Diogo Nógue
Ano: 2024
Material: Marcadores sobre pano de prato – crochês de Regina Lúcia e Ana Nísia
Dimensões: 70x37 cm



Título: Anis – Série Herbário do cuidar, vingar e refazer
Artista: Diogo Nógue
Ano: 2024
Material: Marcadores sobre pano de prato – crochês de Regina Lúcia e Ana Nísia
Dimensões: 70x43 cm



Título: Babosa – Série Herbário do cuidar, vingar e refazer
Artista: Diogo Nógue
Ano: 2024
Material: Marcadores sobre pano de prato – crochês de Regina Lúcia e Ana Nísia
Dimensões: 68x38 cm



Título: Arruda – Série Herbário do cuidar, vingar e refazer
Artista: Diogo Nógue
Ano: 2024
Material: Marcadores sobre pano de prato – crochês de Regina Lúcia e Ana Nísia
Dimensões: 70x37 cm



Título: Boldo – Série Herbário do cuidar, vingar e refazer
Artista: Diogo Nógue
Ano: 2024
Material: Marcadores sobre pano de prato – crochês de Regina Lúcia e Ana Nísia
Dimensões: 70x37 cm







Título: Corpo em Desencanto - telas 1,2 e 3
Artista: Diogo Nógue
Ano: 2024
Material: Óleo sobre tela
Dimensões: (1) 40x30 cm, (2) 41x20 cm e (3) 40x30 cm

EDUARDO BALTAZAR

Consequências de uma escolha artística

O momento posterior ao sol se pôr, quando há ainda alguma luz, suscita para Eduardo Baltazar uma questão: como a pintura pode pensar a relação do ser humano com o ambiente? Mais especificamente, como a representação pictórica pode se increver em questões que envolvem ser humano e natureza e ser humano e cidade de maneira consequente? Pedido ao artista que falasse sobre algumas de suas pinturas, para explicar a escolha do momento a ser pintado, o artista falou do uso excessivo que o ser humano faz da energia elétrica, sem a exata consciência de que a escolha do momento é que é parte central de sua estratégia de investigação.

A ver, a princípio, como pintura, o momento posterior ao pôr do sol aponta negativamente ao sem-número de pores do sol que existem em museus, galerias, centros culturais, feiras de artesanato, redes sociais, no imaginário romântico desse momento do dia, indicando talvez a inutilidade desse acúmulo. Por meio desse lugar-comum, o artista de algum modo inscreve-se fora da tradição da bela natureza, mas mantém relação com a cidade e suas estruturas. Contudo, está aí o objeto de sua investigação uma natureza que é já cultura. Porém, como ação no mundo, e nessa medida concreta e consequente ou que busca uma consequência, nota-se que um percurso proposto pela representação, em sentido contrário, noite à dentro. Com isso, encontra-se remédio para a nostalgia do que passou, por meio da dimensão progressiva do tempo e, no limite físico, pela diminuição da temperatura informada ao corpo, presente nas cores.

Ora, a alusão do lugar-comum e a orientação progressiva do tempo natural situam pintor e espectador como sujeitos de ação fora de quadro na medida em que a imagem é realidade concreta apenas como uma realidade aparente. Esse curioso movimento proposto pelo artista estabelece relações de espaço e tempo que aparecem aludidas na pintura, uma pintura que aponta para fora da pintura. Antes, tais relações são pensamentos que dirigem a ideia de pintura a serem transmitidas, e pintura surge como cosa mentale, firmada por Leonardo. Uma pintura que se faz por contornos borrados, por esmagamento das bordas, adensamento material, na tentativa de mostrar o quanto os olhos são um sentido que pode dar uma impressão que nem sempre nos conduz ao lugar onde se pensar estar, pareidolia, um tipo de ilusão provocado por uma mancha em que se vê o que se quer ver.

O pintor sugere assim o retardamento do tempo por meio da noite, o contrário das atividade diárias, produtivas, como que progressivamente falasse do atraso das horas, e o espectador pelo deslizamento em relação à pintura, que está o tempo todo mostrando que os olhos enganam sem uso da razão, ao mostrar o olhar do próprio artista e o contra-plano de pinturas que representam, sem necessariamente ser. O que parece insinuar a resposta por meio de contornos esmaecidos e uma iluminação rebaixada onde prevalecem os valores azulados quase como que dizendo que apesar de haver pouco tempo, ainda se pode diminuir o uso de recursos não-renováveis, apesar de a própria pintura se valer deles para ser feita.



Título: Estrutura 1
Artista: Eduardo Baltazar
Ano: 2024
Material: Óleo sobre linho
Dimensões: 30x24cm



Título: Estrutura 2
Artista: Eduardo Baltazar
Ano: 2024
Material: Óleo sobre linho
Dimensões: 30x24cm



Título: Desenho para estrutura 2
Artista: Eduardo Baltazar
Ano: 2023
Material: Carvão sobre papel
Dimensões: 18,5x14,5cm (moldura de 30x24cm)



Título: Casa
Artista: Eduardo Baltazar
Ano: 2024
Material: Óleo sobre algodão
Dimensões: 24x30cm



Título: Desenho para casa
Artista: Eduardo Baltazar
Ano: 2023
Material: Carvão sobre papel
Dimensões: 14,5x18,5cm (moldura de 24x30cm)



Título: Caderno de esboços
Artista: Eduardo Baltazar
Ano: 2023 – 2024
Dimensões: 14,5x20cm



Título: Estrela do mar
Artista: Eduardo Baltazar
Ano: 2023
Material: Óleo sobre linho
Dimensões: 30x24cm



Título: Ilha 1
Artista: Eduardo Baltazar
Ano: 2023
Material: Óleo sobre linho
Dimensões: 24x30cm



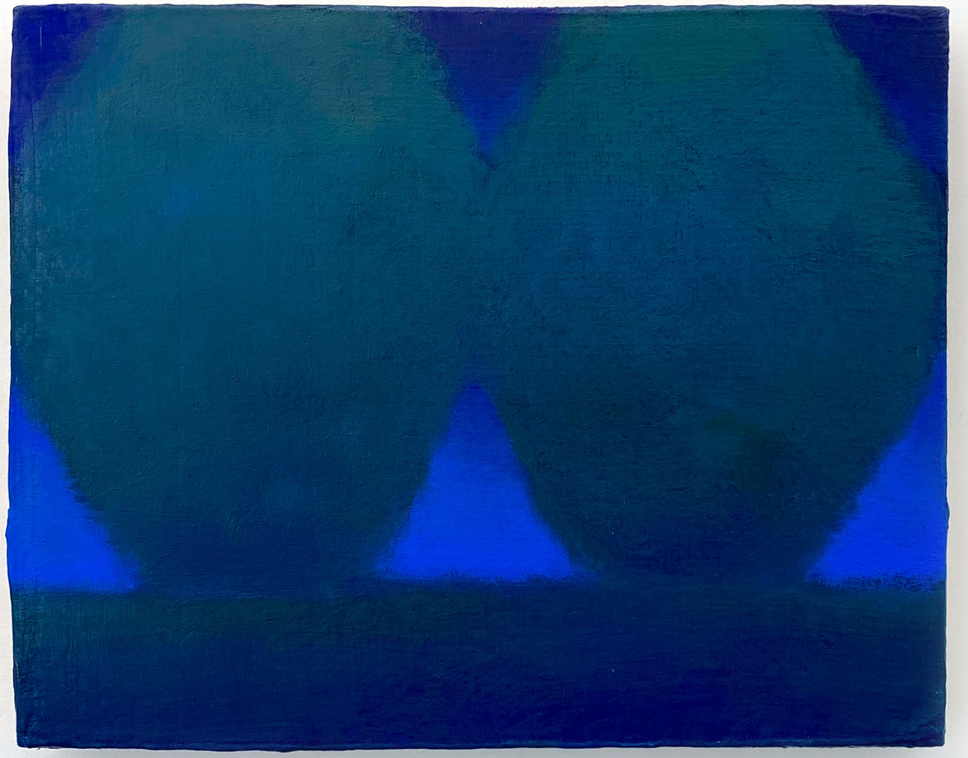
Título: Ilha 2
Artista: Eduardo Baltazar
Ano: 2023
Material: Óleo sobre linho
Dimensões: 24x30cm



Título: Anúncio
Artista: Eduardo Baltazar
Ano: 2023
Material: Óleo sobre tela
Dimensões: 30x24cm



Título: Torre 1
Artista: Eduardo Baltazar
Ano: 2023
Material: Óleo sobre tela
Dimensões: 30x24cm



Título: Dois arbustos 1
Artista: Eduardo Baltazar
Ano: 2023
Material: Óleo sobre linho
Dimensões: 24x30cm



Título: Dois arbustos 2
Artista: Eduardo Baltazar
Ano: 2023
Material: Óleo sobre linho
Dimensões: 24x30cm



Título: Dois arbustos 3
Artista: Eduardo Baltazar
Ano: 2023
Material: Óleo sobre linho
Dimensões: 24x30cm

BIO

Ana Freitas (@anafreitas_atelie, 1981-, Rio de Janeiro) é bacharel em desenho industrial, comunicação visual e projeto de produto pela PUC-Rio. Seu trabalho pode ser caracterizado principalmente por pintura, que tem se apliado para dimensões espaciais. Realizou duas individuais instante infinito (2013, Portas Vilaseca Galeria, RJ) e croma (2018, Quadra Galeria, RJ) e participou de diversas mostras coletivas no Brasil e no exterior. Esteve em residência em Terra Una, em Minas Gerais, em 2010, e Location One, em Nova York, em 2012. Desde 2020, faz parte do coletivo GomaGrupa.

Diogo Nógue (@diogonogueart, 1988-, Suzano) é artista visual negro, escritor e poeta periférico. É bacharel em artes visuais pelo Centro Universitário Belas Artes (SP). Sua pesquisa tematiza as representações do corpo, assim como tradições e a indentidade negras, utilizando principalmente desenho e pintura. Realizou seis exposições individuais, dentre as quais, Meu corpo que te abriga (2022, Centro de Formação de Professores Clarice Lispector) e Psicodrama (2004, ETEC Carlos de Campos I). Em 2023, participou da Residência Artística Virtual Compartilhada 3 – Black Brazil Art, conduzida por Patrícia Brito. Também atua como professor de artes da rede pública.

Eduardo Baltazar (@_eduardo_baltazar_, 1989-, Rio de Janeiro) é bacharel em arquitetura pela UFRJ e mestre em história social da cultura pela PUC-RJ. Desde 2013, atua como artista visual. Em sua pintura, utiliza cores, massas e formas para colocar em questão as relações do ser humano com a natureza e com a cidade. Seus trabalhos podem ser compreendidos em certo sentido no domínio da pintura de gênero, da paisagem como natureza-morta, para criar atmosferas por meio do calor das cores que inquirem modos de vida. Participou de diversas mostras coletivas, entre as quais, Bleu (2023, Paris), Tenho Sede (2023, Rio de Janeiro).

Coletivo Borde é formado por André Aureliano Fernandes e Renato Almeida que atualmente desenvolve uma pesquisa em relação ao uso do monumento pelo Estado. Considera-se que há uma dupla articulação política pública com a ocupação política com uso do monumento do espaço físico da cidade pelo Estado: a primeira, no que concerne à construção simbólica de uma história que foi paulatina e deliberadamente depurada a ponto de ser possível dizer que o que se tem hoje é uma história idealizada do Brasil, por isso também ocorre uma disputa narrativa, e segunda, do ponto de vista concreto esse símbolo de poder encontra-se ocupando e informando as pessoas em geral

de um certo tipo de arte de natureza acadêmica que propõe elogio a quem não deveria recebê-los. Essa base fornece alguns termos para elaboração de uma série em curso chamada Despasseio. Os Despasseios perguntam sobre o sentido do monumento e a relação que as pessoas mantêm com esses elementos arquitetônicos que estão dispostos na cidade, por meio da linguagem publicitária, criando contrapontos e provocando a todos a olhar de novo considerando um ponto de vista crítico à colonização e ao bandeirismo. Além do trabalho artístico, o coletivo também tem voltado sua atenção a um processo pedagógico de consolidação de formação de artistas.

André Aureliano Fernandes (@andreaureliano) é escritor, editor e curador. Trabalha há mais de 20 anos como editor de texto e desenvolvedor de conteúdo para editoras de livros didáticos (Moderna, UNO, SM, Ática, Scipione, entre outras). É autor de habitar (poemas, Hedra, 2008), deriva (poemas, hedra, 2010), “Não é preciso ter estilo” (conto, plaquete Silva #2, editado por Ricardo Lísias, 2012), Minuano e a pena (infantil, edlab, 2023). Entre as curadorias de que participou se destacam Corpos que percorrem um espaço dividido (Funarte, 2017) e Estados do corpo: experiência e presença (Adelina Instituto, 2021-2022). Atualmente, realiza acompanhamento de artistas e desenvolve pesquisa de doutorado em filosofia pela USP.

Renato Almeida (@_renato_almeida_) é filho de nordestinos e cresceu no bairro periférico de Itaquera, zona leste da cidade de São Paulo, Brasil. Doutor e mestre em Artes Visuais pela Unicamp, sua poética é desenvolvida com base em objetos escultóricos, desenhos, ações corpóreas e registros em vídeo. Pesquisador, artista e professor de artes visuais, têm como objeto de estudo os indícios produzidos por uma sociedade contemporânea urbanizada como ponto de partida e suporte para a praxis artística, considerando conceitos como trabalho, memória, vestígio e alienação, como elementos-chave que permeiam todo seu raciocínio artístico. Os indícios avistados, coletados, registrados ou vivenciados trazem em si toda uma carga simbólica apresentada por sua forma, função e existência pré-concebida em uma determinada cultura.

Galeria Quarta Parede (@galeriaquartaparede) é um espaço gerido pelo artista e produtor cultural cubano Alexis Iglesia. Dedicado às artes visuais, abrange a produção de artistas de dentro e de fora do país, promovendo intercâmbios culturais no cenário artístico contemporâneo. Prioriza não só o momento da mostra, mas o processo criativo como um todo, acompanhando os artistas em sua imersão na linguagem das artes visuais sem se preocupar com a etiqueta.

LISTA DE OBRAS

Título: retina
Artista: Ana Freitas
Ano: 2023
Descrição: livro-obra
Material: tinta s/ papel vegetal
Dimensões livro: 32 x 21cm / 32 páginas
Dimensões moldura-estojo de acrílico: 4 x 43,5 x 33,5cm

Título: sonho
Artista: Ana Freitas
Ano: 2023
Descrição: livro-obra
Material: tinta s/ papel vegetal
Dimensões livro: 32 x 21cm / 32 páginas
Dimensões moldura-estojo de acrílico: 4 x 43,5 x 33,5cm

Título: “retina” “sonho”
Artista: Ana Freitas
Ano: 2023
Descrição: vídeo contendo filmagem da artista folheando os livros “retina” e “sonho”
Filmagem: Ana Sartori
Duração: 3m52s / loop

Título: fábrica “na hora H / há um H (ah!) / no meio do sono” (Luiz Raul Machado)
Artista: Ana Freitas
Ano: 2024
Descrição: pintura com moldura de madeira
Material: tinta s/ polímero
Dimensões com moldura: aprox. 78cm x 100cm (horizontal)

Título: despertar dormindo / sonhar acordado
Artista: Ana Freitas
Ano: 2024
Descrição: pintura com moldura de madeira
Material: tinta s/ polímero
Dimensões com moldura: aprox. 100cm x 78cm (vertical)

Título: elo
Artista: Ana Freitas / Ano: 2024
Descrição: pintura com moldura de madeira sem vidro e sem fundo
Material: tinta s/ polímero
Dimensões com moldura: aprox. 104cm x 78cm (vertical)

Título: Corpo Encanto - Série Quem matou Basquiat?
Artista: Diogo Nógue
Ano: 2022
Material: Acrílica, nanquim, marcadores, grafite, lápis de cor e colagem sobre algodão
Dimensões: Largura com bastidor 200 cm

Título: Díptico - Desconversando o Eu
Artista: Diogo Nógue
Ano: 2020
Material: óleo sobre algodão preparado
Dimensões: 150 x 200 cm

Título: A praia - Série Quem Matou Basquiat?
Artista: Diogo Nógue
Ano: 2023
Material: crílica, marcadores, grafite, tule e fio de rami sobre tela
Dimensões: 90 x 60 cm

Título: Alfazema – Série Herbário do cuidar, vingar e refazer
Artista: Diogo Nógue
Ano: 2024
Material: Marcadores sobre pano de prato – crochês de Regina Lúcia e Ana Nísia
Dimensões: 70x37 cm

Título: Alho – Série Herbário do cuidar, vingar e refazer
Artista: Diogo Nógue
Ano: 2024
Material: Marcadores sobre pano de prato – crochês de Regina Lúcia e Ana Nísia
Dimensões: 70x37 cm

Título: Boldo – Série Herbário do cuidar, vingar e refazer
Artista: Diogo Nógue
Ano: 2024
Material: Marcadores sobre pano de prato – crochês de Regina Lúcia e Ana Nísia
Dimensões: 70x37 cm
Título: Arruda – Série Herbário do cuidar, vingar e refazer
Artista: Diogo Nógue
Ano: 2024
Material: Marcadores sobre pano de prato – crochês de Regina Lúcia e Ana Nísia
Dimensões: 70x37 cm

Título: Manjericão – Série Herbário do cuidar, vingar e refazer
Artista: Diogo Nógue
Ano: 2024
Material: Marcadores sobre pano de prato – crochês de Regina Lúcia e Ana Nísia
Dimensões: 70x37 cm

Título: Camomila – Série Herbário do cuidar, vingar e refazer
Artista: Diogo Nógue
Ano: 2024
Material: Marcadores sobre pano de prato – crochês de Regina Lúcia e Ana Nísia
Dimensões: 74x41 cm

Título: Guiné – Série Herbário do cuidar, vingar e refazer
Artista: Diogo Nógue
Ano: 2024
Material: Marcadores sobre pano de prato – crochês de Regina Lúcia e Ana Nísia
Dimensões: 74x41 cm

Título: Babosa – Série Herbário do cuidar, vingar e refazer
Artista: Diogo Nógue
Ano: 2024
Material: Marcadores sobre pano de prato – crochês de Regina Lúcia e Ana Nísia
Dimensões: 68x38 cm

Título: Erva-cidreira – Série Herbário do cuidar, vingar e refazer
Artista: Diogo Nógue
Ano: 2024
Material: Marcadores sobre pano de prato – crochês de Regina Lúcia e Ana Nísia
Dimensões: 70x43 cm

Título: Anis – Série Herbário do cuidar, vingar e refazer
Artista: Diogo Nógue
Ano: 2024
Material: Marcadores sobre pano de prato – crochês de Regina Lúcia e Ana Nísia
Dimensões: 70x43 cm

Título: Corpo em Desencanto - telas 1,2 e 3
Artista: Diogo Nógue
Ano: 2024
Material: Óleo sobre tela
Dimensões: (1) 40x30 cm, (2) 41x20 cm e (3) 40x30 cm

Título: Estrutura 1
Artista: Eduardo Baltazar
Ano: 2024
Material: Óleo sobre linho
Dimensões: 30x24cm

Título: Desenho para estrutura 1
Artista: Eduardo Baltazar
Ano: 2023
Material: Carvão sobre papel
Dimensões: 18,5x14,5cm (moldura de 30x24cm)

Título: Estrutura 2
Artista: Eduardo Baltazar
Ano: 2024
Material: Óleo sobre linho
Dimensões: 30x24cm

Título: Casa
Artista: Eduardo Baltazar
Ano: 2024
Material: Óleo sobre algodão
Dimensões: 24x30cm

Título: Desenho para casa
Artista: Eduardo Baltazar
Ano: 2023
Material: Carvão sobre papel
Dimensões: 14,5x18,5cm (moldura de 24x30cm)

Título: Estrela do mar
Artista: Eduardo Baltazar
Ano: 2023
Material: Óleo sobre linho
Dimensões: 30x24cm

Título: Caderno de esboços
Artista: Eduardo Baltazar
Ano: 2023 – 2024
Dimensões: 14,5x20cm

Título: Anúncio
Artista: Eduardo Baltazar
Ano: 2023
Material: Óleo sobre tela
Dimensões: 30x24cm

Título: Torre 1
Artista: Eduardo Baltazar
Ano: 2023
Material: Óleo sobre tela
Dimensões: 30x24cm

Título: Ilha 1
Artista: Eduardo Baltazar
Ano: 2023
Material: Óleo sobre linho
Dimensões: 24x30cm

Título: Ilha 2
Artista: Eduardo Baltazar
Ano: 2023
Material: Óleo sobre linho
Dimensões: 24x30cm

Título: Dois arbustos 1
Artista: Eduardo Baltazar
Ano: 2023
Material: Óleo sobre linho
Dimensões: 24x30cm

Título: Dois arbustos 2
Artista: Eduardo Baltazar
Ano: 2023
Material: Óleo sobre linho
Dimensões: 24x30cm

Título: Dois arbustos 3
Artista: Eduardo Baltazar
Ano: 2023
Material: Óleo sobre linho
Dimensões: 24x30cm

FAZER FAZ CORPO

GALERIA QUARTA PAREDE + COLETIVO BORDE

ISBN: 978-6-50097-000-5